

## Agora, nosso tempo.

Com este título quero colocar em destaque algo de comum deste tempo entre nós – num círculo mais amplo os psicanalistas, e mais estreito os do campo lacaniano. Por outro lado, penso que as perguntas que podem servir de ponto de partida são uma boa preliminar para o debate. Aí vão algumas:

1. Temos escutado em muitas ocasiões que houve um tempo em que a psicanálise pôde nascer: Freud esteve ali para fazê-lo, e deu-lhe um lugar de entrada entre as terapias destinadas a curar alguns sintomas e enfermidades com os quais os demais saberes (psiquiátricos) haviam topado. Isto é, houve um momento propício da história, e durante um tempo a psicanálise teve o reconhecimento dos saberes entre os quais se havia colocado, os da medicina (seria muito ousado dizer que talvez Lacan não se tivesse interessado pela psicanálise como o fez e, portanto, sequer falaríamos de *campo lacaniano* se não tivesse sido psiquiatra?). Se ainda há um vínculo entre a psiquiatria, a psicologia e a psicanálise, este é bastante distinto do que era há cinquenta anos? Onde estão aquelas psiquiatria e psicologia que bebiam da psicanálise? Demos por feito que nós, os psicanalistas, estamos empenhados em sustentar a psicanálise, em sua particularidade, como um saber a mais entre os saberes que se desenvolvem atualmente, pois sabemos que, com exceção de alguns campos da matemática, cada saber necessita dos outros para poder constituir uma rede na qual possa se sustentar e se desenvolver. Então, a pergunta pelo tempo da psicanálise não é vã, pois não está assegurada, e não só não o está pelo próprio fazer dos psicanalistas: tampouco o está pelos demais discursos em que se tenha sustentado. Então, uma pergunta pertinente é por quais saberes queremos ser “reconhecidos” para fazer com eles essa rede, ou seja, de quais podemos esperar, desejando-a, uma crítica que nos dê a medida do lugar da psicanálise no mundo? Podemos esperá-la da clínica. Mas, geralmente, que classe de saber queremos que seja a da psicanálise? Esperamos que o encontro de São Paulo nos dê uma mão nestas reflexões.
1. Quando, na assembléia de 2006, se decidiu que a de 2008 teria como eixo principal um exame em profundidade sobre a adequação de nossas estruturas associativas e organizativas com o objeto com a qual foram criadas, se abriu um tempo “crônico” limitado, concreto, o final do qual deverá coincidir com o do outro tempo, o tempo lógico do *momento de concluir*. Será um momento de concluir coletivo *forçado* – se me permitem a expressão –, com todos os perigos de gelificação e/ou exclusão que supõe – no terreno de onde se julga identificação ao traço (*einzigiger Zug*) comum[1] –, mas, sobretudo, com as dificuldades estruturais de uma conclusão coletiva[2].

Entretanto, agora que ainda estamos no *tempo de compreender*, podemos olhar ao nosso redor para tentar localizar quais são os riscos imediatos de algumas das escolhas possíveis: em último caso, podemos concluir que ficamos como estamos, dissolver para voltar a começar de um modo distinto (ainda que este último caso ainda válido de prosseguirmos). Acredito, sem dúvida, que a aposta mais geral se encontra num lugar intermediário.

As opções pelas quais nos decidimos em nossos primeiros tempos – início dos fóruns e da Escola – estiveram marcadas, entre outras coisas, por dois preconceitos: um sobre a hierarquia e sobre a associação que envenenou a dialética sobre os pares hierarquia/gradus e associação/escola; e outro que, na falta de outro nome melhor, chamarei o preconceito “democrático” ou “de igualação”, que pesou sobre as estruturas institucionais e sobre a Escola[3].

Contudo, graças à ela e apesar dela, agora temos um campo, o Campo Lacaniano e temos uma Escola, com seus membros e seus colegiados com suas funções bem definidas. Também estamos em outro momento: creio que, no geral, corrigimos os preconceitos citados, de forma que não vemos os elementos dos binômios mencionados como opostos e em luta, ou seja, não nos arrepiamos por pensar que nossa Escola possa ser uma associação, ou uma hierarquia associativa melhor estabelecida; do mesmo modo, podemos pensar num Um de orientação – ainda que seja um Conselho – não igual em sua função ao demais uns. A pergunta, neste caso é: com que preconceito vamos abordar

agora o passo à outra etapa em nosso percurso? Esperamos poder estar avisados um pouco antes do momento de concluir.

Ramon Miralpeix, Julio 2007.

---

[1] Ver em **Freud, S.** *Psicología de las masas y análisis del yo*. (1921) Outras apreciações da vida anímica coletiva. Amorrortu. Vol XVIII; em **Lacan, J.** *Seminario VIII La transferencia*. Clase 28. El analista y su duelo. 28 de Junio de 1961.

[2] “*Pero la objetivación temporal es más difícil de concebir a medida que la colectividad crece, y parece obstaculizar una lógica colectiva con la que pueda completarse la lógica clásica.*” **Lacan, J.** *Escritos (I)* “El tiempo lógico y el aserto de certidumbre anticipada. Un nuevo sofisma” (p 202).

[3] PREJUICIO: “*Opinión previa y tenaz, por lo general desfavorable, acerca de algo que se conoce mal*”. (Diccionario de la RAE). En ambos casos esta opinión y mal conocimiento estuvieron determinados por la confusión entre “jerarquía” y “una jerarquía” concreta, y entre dirección asociativa y orientación